

## **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM DISCURSOS: MULHER AGREDIDA VERSUS PARCEIRO AGRESSOR**

THAYS COELHO ARAÚJO (UEA)  
MAELI ARAÚJO COSTA (UEA)

**RESUMO:** Apoiada nas teorias da Análise do Discurso Francesa, o objetivo principal desta pesquisa é identificar, por meio de uma análise discursiva, os sentidos que sujeitos vítimas e agressores atribuem à violência doméstica no âmbito conjugal. Neste trabalho, foram realizadas entrevistas com os sujeitos envolvidos em casos de violência doméstica e indiciados pela Lei Maria da Penha. Os dados que serviram de corpus foram gerados a partir de excertos de entrevistas semiestruturadas com vítimas e agressores inseridos no cenário da violência doméstica conjugal. O trabalho está embasado nos pressupostos teóricos de Althusser (1970), Pêcheux (1995), Brandão (2004), Chauí (2012), Orlandi (2015), entre outros. Os resultados da pesquisa evidenciam que o discurso do sujeito agressor é de negação e apagamento do acontecimento da agressão; manifestou-se também o discurso da culpabilização da vítima de agressão. Já no discurso das mulheres, elas assumiram uma posição de submissão, dependência e culpa. Por conseguinte, a violência doméstica conjugal é vista de forma distinta pelos sujeitos agressores e pelos sujeitos agredidos, o que é possível observar por meio das marcas discursivas que evidenciam as formações discursivas às quais estes sujeitos estão filiados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Violência doméstica conjugal. Sujeitos. Sentidos.

**ABSTRACT:** Based on the theories of French Discourse Analysis, the main objective of this research is to identify, through a discursive analysis, the meanings that victims and perpetrators attribute to domestic violence in the conjugal context. In this study, interviews were conducted with the subjects involved in cases of domestic violence and indicted by the Maria da Penha Law. The data that served as a corpus were generated from excerpts from semi-structured interviews with victims and aggressors, inserted in the scenario of Domestic Violence Conjugal. The work is based on the theoretical assumptions of Althusser (1970), Pêcheux (1995), Brandão (2004), Chauí (2012), Orlandi (2015), among others. The results of the research evidenced that the discourse of the aggressor subject is of denial and erasure of the event of the aggression; the discourse of blaming the victim of aggression was also manifested. In the women's discourse, they assumed a position of submission, dependence, and guilt. Therefore, conjugal domestic violence is seen in a different way by the subjects, but in the speeches, it is possible to observe the gender marks that reinforce the social positions occupied by the victims and aggressors.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis. Domestic Violence Conjugal. Subjects. Senses.

### **1 INTRODUÇÃO**

A violência doméstica contra as mulheres tem contribuído para a formação de uma arena discursiva que consolida o enfrentamento dessa violência, visto que casos de agressão contra as mulheres são frequentes no Brasil e no mundo. Nesse contexto, a proposta deste trabalho é mostrar a manifestação de sentidos em espaços de violência doméstica constituídos por vítimas e agressores. Para isso, partimos da noção de condições de produção dos discursos, considerando que para Orlandi (2015, p. 31), "[...] elas compreendem fundamentalmente o sujeito e a situação". Para a autora isso significa dizer que os discursos

são constituídos a partir do contexto sócio-histórico e ideológico nos quais os sujeitos estão circunscritos.

Para isso, partimos de uma reflexão no campo dos estudos da linguagem, pois eles estão intrinsecamente ligados à compreensão, descrição e análise de discursos que trazem à materialidade linguística questões ideológicas advindas de problemas sociais. Assim, como Orlandi (2015, p.153), entendemos o discurso como o lugar de articulação entre língua e ideologia que toca as práticas sociais em geral. Desse modo, a discursividade é compreendida como um processo linguístico em que sujeitos ocupam posições sociais distintas e os sentidos inserem-se em diferentes formações discursivas. Estas autorizam o que o sujeito pode ou não dizer em uma dada conjuntura (ORLANDI, 2017, p. 152).

Teoricamente, esta pesquisa descreve e analisa discursos a partir do empreendimento teórico de Pêcheux (1995), Orlandi (2015), Mussalin (2012), Vieira e Silva (2003), Souza (2014), Maingueneau (2012), Althusser (1970), Chauí (2012), Brandão (2004).

Realizamos uma análise discursiva sobre a violência doméstica nos discursos de sujeitos aí envolvidos, cujas condições de produção são manifestadas no âmbito familiar. Assim sendo, a relevância deste trabalho justifica-se a partir do nosso anseio em dar visibilidade aos casos recorrentes de agressão doméstica contra a mulher e a tornar rarefeito o discurso de naturalização de violências contra a mulher. Com esta pesquisa, notamos que os casos de violência conjugal passam despercebidos e diversas vezes são negligenciados. Diariamente, mulheres são violentadas por seus parceiros; elas, muitas vezes, não discursivizam o acontecido devido a questões ideológicas, em que a vergonha e a falta de esclarecimento permeiam seu dizer, pois algumas mulheres só caracterizam como violência as agressões físicas.

Nessa seara, Vieira e Silva (2003, p.18) pontua que as mulheres ainda se encontram com ares de submissão ao homem, e isso tem sido difícil de subverter, pois algumas mulheres estão filiadas a uma ordem do discurso em que visualizam a figura do sexo oposto como protetora. Assim, compreende-se que há muito que se falar para que haja uma conscientização por parte da mulher para que ela abandone a posição de sujeito agredida.

A AD subsidia as nossas análises porque é uma teoria que se preocupa com as relações entre língua, ideologia e sociedade. Além disso, a AD não é uma teoria que analisa apenas a estrutura do texto, mas os discursos que deram origem a ele. Nesse sentido, Souza (2014, p.7),

diz que “para se compreender a língua como prática social, será necessário trabalhar com papel constitutivo da ideologia.”.

Nesse sentido, referimos que uma das nossas motivações para abordar o tema da violência doméstica foi a partir da atuação profissional de uma das pesquisadoras na Delegacia de Polícia civil (79º DIP), no município de Anori. Ao observar a quantidade de registros de boletins de ocorrência sobre a violência doméstica conjugal, percebeu-se que havia um número elevado de mulheres que sofriam violência doméstica.

As questões norteadoras desta pesquisa buscam respostas para as seguintes indagações: Como as mulheres reagem diante da violência doméstica? Quais posições discursivas os sujeitos vítima e agressor ocupam? Quais sentidos eles atribuem aos contextos de violência doméstica?

Diante do exposto acima, a organização do trabalho contemplará, inicialmente, o conceito de Análise do Discurso, formações discursivas e formações ideológicas partindo da ideia de discurso, sujeito e ideologia. Também serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados, bem como as análises de dados.

## **2 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER**

O termo violência é derivado do latim “violentia”, que significa “veemência, impetuosidade”. A violência conceitua-se como usar a agressividade de forma intencional e excessiva para machucar alguém. A partir deste conceito, pode-se definir a violência doméstica contra a mulher no âmbito conjugal que se entende como uma relação de poder e dominação, onde o homem domina e a mulher é submissa a ele.

Conforme Dias (2007, p.41), compreende-se o que pode ser considerado violência doméstica:

Para ser considerada a violência doméstica, o sujeito ativo tanto pode ser um homem como outra mulher. Basta estar caracterizado o vínculo de relação doméstica, de relação familiar ou de afetividade, pois o legislador deu prioridade à criação de mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica contra a mulher, sem importar o gênero do agressor.

A violência doméstica abrange um grande grupo de *violências* que podem ser classificadas como: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral, no entanto, o senso comum entende como violência o ato da agressão física (DIAS, 2007).

A distinção entre esses tipos de violência contra a mulher é exposta da seguinte forma: a violência física, que consiste no uso da força física para ofender o corpo ou a saúde da mulher; a violência psicológica, que é entendida como aquela que causa danos emocionais e diminuição da autoestima, acontecendo no momento que uma mulher é humilhada, criticada e ameaçada. Já a violência sexual, consiste no constrangimento que a mulher passa ao presenciar ou participar de uma relação sexual não desejada. A violência patrimonial é conhecida como o ato de subtrair os objetos da mulher. E por fim, a violência moral é configurada como a forma de atingir a honra da mulher com injúrias calúnias e difamações.

Há muito tempo, as mulheres vêm lutando por igualdade, hoje, podemos dizer que elas estão em dias melhores, porém, a igualdade ainda está longe de ser alcançada. Conforme Dias (2007, p. 15), “desde que o mundo é mundo humano, a mulher sempre foi discriminada, desprezada, humilhada, coisificada, objetificada, monetarizada.”.

## **2.1 A Análise de Discurso**

A Análise de Discurso é uma corrente teórica que procura investigar a língua em uso, a qual busca estabelecer relações entre língua e ideologia, a partir de seu objeto de estudo: o discurso. É por meio do discurso que se compreende o contexto social do sujeito e por ele também se entende as marcas discursivas ideológicas usadas por grupos vinculados a diferentes tipos de pensamento.

Enquanto empreendimento teórico, a AD francesa manifestou-se em 1960, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux, um autor de destaque para a teoria, visto que ele produziu grande parte dos conceitos da teoria do discurso. Já no Brasil, a AD foi introduzida nos anos 80, com a contribuição de Eni Orlandi.

A AD considera os pressupostos de Saussure que tratam sobre a noção de língua, pois esta era analisada a partir de categorias estruturais como a fonética, a morfologia e a sintaxe. Para a AD, o que interessa é o funcionamento da língua para a produção de sentidos, fazendo uma análise além das unidades estruturais da língua.

Sobre os estudos discursivos, Orlandi (2015, p. 17) ressalta que:

[...]não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e

acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história.

Conforme Narzetti e Alves (2019, p. 03), “a AD representa um campo interseccional, ou seja, seu objeto não é nem a língua e nem somente a fala, mas o que está no encontro entre esses dois objetos: o discurso.” Nos estudos da Linguística, a língua era tratada como importante, enquanto que a fala era descartada. A partir dessa concepção entende-se que foi necessário o rompimento da AD com o estruturalismo para que assim se constituísse como teoria.

Partindo dessa premissa, compreende-se que os estudos da AD não visam apenas a verificar a estrutura da língua, mas também apreender um conjunto de sentidos, que buscam compreender a língua como prática social, considerando com o papel constitutivo da ideologia. Então, a AD diferencia-se das teorias de base estruturalista da linguística, pois faz uma relação entre língua e fala que resulta no discurso, o qual é o objeto de interesse do campo da AD.

Com base em Pêcheux, nos discursos podem ser percebidas as relações de poder, as formações discursivas, as formações ideológicas e as relações de sentidos que são bases para as análises discursivas. A AD levará a uma maior compreensão da linguagem, observando a subjetividade do sujeito e desnaturalizando sentidos já postos e analisando como a linguagem se constitui, se dá, se organiza para isso.

## **2.2 Formações discursivas (FDs) e formações ideológicas (FIs)**

Para fazer análises discursivas, é necessário conhecer o processo de produção de sentidos na linguagem. A AD propõe que todo sujeito de linguagem possui ideologia, pois não existe língua sem ideologia. Logo, as formações discursivas são onde as ideologias se organizam na língua, elas regulam o que sujeito deve ou não dizer. Já as formações ideológicas são um conjunto de atitudes que se posicionam no mundo, em oposição, umas às outras, reguladas a partir da ideologia.

Essas formações discursivas relacionam-se, como afirma Souza (2014, p. 13):

Ao se organizar em FDs, a FI determina quais os sentidos são possíveis e quais não são. Esse processo de seleção se chama processo discursivo (...). Resumindo: o processo de enunciação, os sentidos ideológicos (FI) se organizam em discursos (FDs). As (FDs) determinam o que vai ser dito e o que fica de fora (processo discursivo).

Entende-se que ao analista caberá o papel de identificar as propriedades do discurso, a que formação discursiva pertence e também quais formações ideológicas sustentam o discurso.

Sobre a homogeneidade das formações discursivas Mussalim (2012, p. 139) assegura que:

As formações discursivas, portanto intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes que materializam a contradição entre diferentes posições ideológicas. Assim, uma formação discursiva (doravante FD) não pode ser concebida como homogênea ou como espaço natural fechado, visto que pelo fato de suas condições de produção serem contraditórias, ela se constitui como um espaço invadido por elementos que vêm de outro lugar, de outras formações discursivas.

Com base nas contribuições de Mussalim (2012), compreende-se que uma FD é construída a partir de outros discursos como um sistema de paráfrases, onde o espaço de uma FD é invadido por discursos que vieram de outro lugar, de uma construção anterior e exterior. Assimila-se que o sujeito não possui um discurso próprio, mas sim um discurso refeito, a partir de outros discursos que o interpelaram no decorrer de sua história. Dessa maneira, têm-se discursos retomados e reformulados, para que, assim, o sujeito busque manter uma identidade.

### **2.3.1 Discurso, sujeito e ideologia**

Um dos objetos basilares da AD é o discurso. É a partir dele que o analista de discursos verifica a língua em funcionamento e observa a produção de sentidos nos textos. É por meio do discurso que conhecemos o sujeito, uma vez que quando o sujeito se posiciona discursivamente pode-se identificar a que filiações ideológicas este pertence. Orlandi (2015, p.13), sobre o discurso, afirma que “o discurso não é o que se diz, mas o que se faz com a linguagem. O discurso é a palavra em movimento, prática da linguagem e a partir dos estudos da AD observa-se o homem falando. ”

Então, no discurso procura-se a língua fazendo sentido, não sendo tratada como um sistema abstrato, mas como maneiras de significar, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, enquanto sujeitos ou enquanto membros da sociedade.

Tecendo uma de suas considerações sobre o discurso, Mainguenu (2013, p.61) afirma

que:

O discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação aquilo que diz e em relação a seu coenunciador (fenômeno de “modalização”).

Desse modo, entende-se que os discursos que circulam na sociedade podem ser assumidos por sujeitos que “[...] são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem”. (PÊCHEUX, 1995, p. 161). Nesse sentido, Araújo (2018, p. 56) acrescenta que “É importante ressaltar que essas representações do sujeito pelas formações discursivas e pelas formações ideológicas são construídas historicamente, a partir de pontos de estabilização que fazem com que os sujeitos sejam reconhecidos como tais”.

### **2.3.2 Sujeito**

Conforme as fases da AD, têm-se diferentes noções de sujeito. Na primeira fase, o sujeito é concebido como sendo assujeitado, ou seja, o sujeito não fala por si mesmo, quem fala é uma instituição ou ideologia. Na segunda fase, o sujeito passa a ser concebido como aquele que exerce diferentes funções, de acordo com as diversas posições que ocupa. Já na terceira fase, tem-se um sujeito totalmente heterogêneo e descentrado, um sujeito clivado entre o consciente e o inconsciente.

A partir das afirmações de Mussalim (2012, p. 66), observa-se que o sujeito das diferentes fases da AD tem uma característica recorrente:

Apresentadas as concepções de sujeito em três diferentes fases da AD, é possível perceber que, apesar de distintas, elas possuem uma característica em comum: o sujeito não é senhor de sua vontade; ou temos um sujeito que sofre as coerções de uma formação ideológica e discursiva ou temos um sujeito submetido a sua própria natureza inconsciente.

Nesse sentido, percebe-se que o sujeito faz parte das condições de produção do discurso, ele é interpelado pela sociedade para se tornar sujeito. Desde criança, o indivíduo é interpelado para se assumir como sujeito em diversas situações.

Acerca do inconsciente do sujeito, Pêcheux (1995, p. 160) postula que:

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome



posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos, etc., e as noções de asserção e de enunciação estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito enquanto sujeito-falante.

Baseado nessas concepções, entende-se que o sujeito pode ter a ilusão de ser livre no momento em que este toma o “discurso do Outro”, pois, nesse exato momento, o sujeito funciona como “Sujeito”. O discurso do Outro provém do inconsciente de onde se evidencia o discurso do pai, da religião e da família, sendo que o inconsciente se estrutura como que uma cadeia de significantes, no qual o sujeito se define e tem sua identidade.

### **2.3.3 Ideologia**

Conforme Althusser (1970, p. 69), “a ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” É nessa perspectiva que a ideologia vai constituindo os sujeitos para a produção de seus discursos.

No que concerne às relações de produção, o teórico enfatiza que as relações sociais são delineadas a partir dos Aparelhos de Estado, os quais se subdividem em Aparelhos Repressivos de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado. Os Aparelhos Repressivos do Estado referem-se a polícia, os tribunais, as prisões e o exército, os quais funcionam pela violência. Já os Aparelhos Ideológicos de Estado são constituídos pela religião, escola, família, política, cultura, os quais funcionam movidos por uma ideologia.

Compreende-se que a ideologia é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos, pois se entende que não existe sujeito sem ideologia. Assim, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para produzir o seu discurso. Às vezes o próprio sujeito acha que não possui ideologia, porém a partir do seu dizer percebem-se marcas discursivas ideológicas em seu discurso. Conforme Pêcheux (1995, p.162):

O funcionamento da ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos do seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas.

Em suma, observa-se que essa relação entre ideologia, sujeito, língua é necessária na produção de sentidos, pois a partir da interpelação do indivíduo pela ideologia é que o sujeito se constitui.





### 3 METODOLOGIA

Inserido na vertente francesa da Análise do Discurso, este trabalho apresenta uma abordagem de base qualitativa, uma vez que os dados foram obtidos através de uma observação minuciosa do corpus da pesquisa. Nesse sentido, Chizzoti (2001, p.79) conceitua a pesquisa qualitativa da seguinte forma:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, também é um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Partindo dessa premissa, compreende-se que a maneira de interpretação do fenômeno e a forma que são imputados os sentidos são básicos da pesquisa qualitativa, que, por sua vez, não necessita da representatividade numérica na apresentação de seus resultados, mas de uma análise interpretativa dos dados.

Em relação ao tipo de pesquisa, optou-se por realizar um estudo de caso e de pesquisa documental, visando analisar de modo detalhado o objeto de investigação. Esses procedimentos metodológicos foram utilizados no trabalho para subsidiar e permitir a realização da pesquisa.

Para Nascimento e Oliveira (2016, p. 76), estudo de caso é, “quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”, ou seja, trata-se de uma pesquisa com perspectiva interpretativa que permite uma maior compreensão do objeto de estudo.

O contexto desta pesquisa é constituído pelo cenário da violência doméstica, envolvendo homens e mulheres que estão inseridos em casos de violência, nos quais as mulheres foram agredidas fisicamente e psicologicamente por seus parceiros. Todos agressores, cujos discursos são analisados, foram indiciados por infração, de acordo com a Lei Maria da Penha.<sup>1</sup>

Para a descrição dos sujeitos da pesquisa, foi traçado o perfil de cada entrevistado. O primeiro tem 35 anos, ensino médio, conviveu por 16 anos com a sua ex-companheira e tem 02 filhos com ela. O segundo sujeito trabalha como estivador de mercadorias, tem 32 anos,

---

<sup>1</sup> A Lei Maria da Penha é uma lei que “Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. (BRASIL, 2006, sem paginação).

ensino fundamental incompleto, namorou por 03 anos com a sua ex-namorada e tem uma filha com ela.

A primeira entrevistada trabalha como empregada doméstica, tem 32 anos, fez o ensino médio. A segunda tem 28 anos, é dona de casa e cursou o ensino médio. Ambos são moradores de bairros considerados periféricos e com poucos recursos, do município de Anori-AM.

**Tabela 1 - Perfil dos informantes**

|                       | <b>Profissão</b>         | <b>Idade</b> | <b>Escolaridade</b>           | <b>Tempo de Convivência</b> | <b>Quantidade de Filhos</b> |
|-----------------------|--------------------------|--------------|-------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| <b>Entrevistado 1</b> | Desempregado             | 35           | Ensino Médio completo         | 16 anos                     | 02                          |
| <b>Entrevistado 2</b> | Estivador de mercadorias | 32           | Ensino Fundamental Incompleto | 3 nos                       | 01                          |
| <b>Entrevistada 1</b> | Empregada doméstica      | 32           | Ensino Médio Completo         | 16 anos                     | 02                          |
| <b>Entrevistada 2</b> | Dona de casa             | 28           | Ensino Médio Completo         | 3 anos                      | 04                          |

A pesquisa teve como corpus as entrevistas feitas com sujeitos agressores e agredidos. Os instrumentos para a geração de dados se deram a partir de algumas estratégias: questionário, entrevistas, documentos institucionais e diário de campo. O primeiro questionário foi destinado a conhecer o perfil dos entrevistados, e o segundo foi elaborado com nove itens para fins investigativos, os quais abordavam o tema da pesquisa.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> A autorização para a realização do trabalho se deu por meio da Carta de Anuência, assinada pelo Delegado de Polícia Civil do 79º DIP, representante da instituição, bem como do TCLE, lido e assinado pelos sujeitos da pesquisa.

A partir do procedimento de análise de dados, utilizou-se a linha de pesquisa dos Estudos Discursivos, que é da área de conhecimento na qual está inserida AD. Nessas análises, os sujeitos passam a ser o local de produção de discursos, sendo que esses discursos estão situados no cenário da violência doméstica.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

Considerando a ordem de geração dos dados, remetemo-nos a João, o nosso primeiro entrevistado. João tem 35 anos, ensino médio, foi indiciado pelo art.7 da Lei 11.340/2006, popularmente conhecida por Lei Maria da Penha. Ele ainda aguarda a sua sentença, sendo que não pode tentar se aproximar da ex-mulher, devido ao fato de ela ter feito o pedido de Medida Protetiva para o Ministério Público.

João, ao longo da pesquisa, colocou-se em sentido de defesa e resistiu em dar uma resposta mais elaborada sobre a noção de violência doméstica, como pode ser visto no excerto abaixo:

**Entrevistadora:** *O que o senhor acha da violência doméstica contra a mulher?*

**João:** *O que que eu acho? Colega, num sei nem te responder ó. Uma que o certo mermo eu nem agredi ela né? Num sei nem porque mesmo ela foi fazer essa parada lá comigo lá, mass... Eu acho que isso é errado, né? O cara fazer isso contra a mulher.*

No âmbito da Violência doméstica contra a mulher, é comum o sujeito agressor negar o fato de ter agredido a companheira e torna-se comum ele se explicar, esclarecendo o que aconteceu. Compreende-se que o fato da antecipação do sujeito em dizer que não agrediu a sua mulher pode ser concebido a partir de Orlandi (2015, p. 37), quando argumenta que:

Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa em produzir em seu ouvinte.

Desse modo, o sujeito coloca-se no lugar do interlocutor, visando a produção de um efeito argumentativo sobre quem o ouve, assim como manifesta a intenção de provar que se fala a verdade. É possível também observar a falta de identificação do sujeito com a prática delituosa da agressão: “*Uma que o certo mermo eu nem agredi ela né?*”. Nesse momento, o sujeito tenta fazer com que o interlocutor confirme com ele, para que assim se acredite que ele



não tenha praticado tal ato. Quando ele usa a expressão “nem” que pode ser substituído por “não”, o sujeito tenta persuadir quem o ouve. Pensando nessa prática discursiva, recorremos a Maingueneau (2013, p. 59), para quem o discurso é uma forma de ação, uma vez que para o teórico falar é uma forma de ação sobre o outro. Diz ainda o autor que toda enunciação estabelece uma atitude, buscando, assim, transformar uma situação.

Outro discurso analisado nos dados é o desvio de culpa para terceiros, o que foi percebido quando a entrevistadora questionou o motivo da violência dentro de casa.

**Entrevistadora:** *O que aconteceu para que ocorresse a violência doméstica?*

**João:** *Fuxico, fuxico dos outros. Conversa dos vizinhos. É só isso aí mermo o motivo da briga, num tem? Cunversa e fuxico de vizinho.*

O desvio de culpa aqui é percebido de forma clara quando João culpabiliza outros sujeitos, que não fazem parte da sua relação conjugal, pelos desentendimentos com a companheira.

Compreende-se que o sujeito desconfigura um cenário homogêneo em relação à versão da sua companheira sobre os fatos e o transforma em heterogêneo, pois traz elementos de fora do problema como a influência de outras pessoas sobre a mulher, a partir dos quais justifica o motivo da violência. De acordo com Narzetti e Alves (2019, p. 24), em relação à heterogeneidade das FDs, afirmam que as FDs não são fechadas, mas possuem em seu interior elementos vindos de fora.

Outro elemento discursivo manifestado no discurso do sujeito da pesquisa foi o da contradição, a qual se estabelece a partir de enunciados que são vindos de várias FDs. Assim sendo, a contradição foi percebida em resposta ao seguinte questionamento:

**Entrevistadora:** *Você chegou a agredir ela alguma vez?*

**João:** *no... quando nós começemo no namoro só. Isso faz uns dez, dezesseis, acho que uns doze anos atrás. A gente brigava muito, eu e ela, né? Depois disso aí ninguém brigou mais não.*

Observa-se o discurso contraditório, visto que, no início da conversa com o sujeito, ele afirmou que: “*Uma que o certo mermo eu nem agredi ela né?*”, posteriormente, a partir da última pergunta, ele confirmou a agressão. Essas disparidades discursivas, materializadas em diferentes momentos da entrevista, tornam o discurso duvidoso, uma vez que há uma

incompatibilidade de informações sobre o momento em que o sujeito fala do tempo em que brigaram.

Consoante às proposições de Nogueira (2001, p. 03), sobre os efeitos de contradição no discurso do sujeito, percebe-se que:

Nossa tomada de posição enquanto analistas consiste em reconhecer que os sentidos e os sujeitos são divididos pela contradição constitutiva que marca em um discurso a presença de outro (s); as continuidades e deslocamentos nas memórias das filiações históricas dos sentidos. E de considerar também a falha como estruturante e o acontecimento em sua contingência, produzindo (propiciando) derivas, deslocamentos e resistências.

Entende-se que a contradição acontece devido aos esquecimentos, pois o sujeito não percebe as contradições discursivas que estão postas no seu discurso, assim como não atenta para a falta de linearidade do que materializou verbalmente em um momento anterior.

Em seguida, no excerto a ser analisado, o sujeito posiciona-se mostrando sua posição de dominação e de superioridade.

**João:** *Esse negócio que ela foi lá no Maria da Penha, foi por.. não foi nem por agressão, num sei se você viu a ficha lá. Isso foi por ameaça, num foi nem por isso aí. Eu nem também nem ameaçava ela, nem nada (...). Ai foi lá dá parte de mim lá. Mas, eu fui na mesma hora lá, resolvi tudo lá.*

O sujeito é atravessado por uma formação discursiva da ordem do masculino, em que a ideologia machista manifesta-se devido ao fato de sua companheira ter recorrido às autoridades para resolver o problema. Nesse momento, o entrevistado simplifica o problema entre ele e sua e mulher e banaliza a lei, desqualificando a violência doméstica como se não fosse merecida certa seriedade sobre este assunto. Para ele, somente ocorre violência doméstica quando há lesões, porém, na Lei Maria da Penha 11.340/06, a ameaça também é considerada uma violência contra a mulher.

No que concerne à noção de sujeito para a AD, Pêcheux (1995) afirma que o sujeito é constituído pelo esquecimento de que ele é um sujeito discursivo interpelado ideologicamente. "Ora, eis o ponto preciso onde surge, a nosso ver, a necessidade de uma teoria materialista do discurso: essa evidência da existência espontânea do sujeito (como origem e causa de si)." (PÊCHEUX, 1995, p. 51).

Nessa seara, Brandão (2004, p. 46) ressalta que:

Na reprodução das relações de produção, uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é da “interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico”. Essa interpelação ideológica consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social.

A partir dessas considerações, entende-se que o sujeito do discurso não é senhor de sua vontade, sem ter conhecimento, ele é interpelado por uma formação ideológica no curso de sua história. Por exemplo, na infância, o sujeito, provavelmente, vê-se envolto por alguns discursos como: *Você é um macho ou uma mulherzinha? Quando o teu pai chegar, tu vai ver. Se o teu pai souber disso.* Nessa conjuntura de eventos, vão circulando discursos em que há uma naturalização da figura masculina violenta. Assim, o sujeito apenas reproduz um discurso reformulado ao qual ele teve acesso durante sua formação social enquanto sujeito.

No trecho a seguir, o discurso patriarcal manifesta-se em “*o que eu posso ajudar, eu ajudo*”. Assim, o sujeito se coloca como alguém que exerce uma função auxiliar no sustento dos seus filhos. Ele aparece em posição de ajudador da família e não de pai. Outra observação a ser apontada no recorte abaixo é o discurso de arrependimento do sujeito.

**João:** *O que eu posso ajudar eu ajudo. Nunca suvinei nada (... ) Isso aí foi no passado né, mais foi erro do passado. Mas, eu me arrependo muito também de ter feito isso aí, póh. Porque que o cara não se arrepende, o cara num se arrepende. O cara se arrepende muito entendeu. Se pudesse voltar no tempo fazia tudo diferente, mas num pode fazer. Então é tentar melhorar daqui pra frente.*

Nesse discurso, manifesta-se um sujeito que cumpre os deveres com a família e se arrepende por suas atitudes passadas. Nesse sentido, Bourdieu (2012, p. 105), sobre o patriarcalismo, infere que o trabalho de reprodução até épocas remotas esteve confirmado por três instâncias: família, igreja e escola. Dessas instâncias, a Igreja é a que mais estabelece explicitamente uma moral familiarista, sendo completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelas ideologias da inferioridade feminina.

É importante ressaltar as ideologias religiosas concebem sempre a mulher como aquela que tem um papel fundamental na sua existência que é ser uma procriadora e cuidadora da família, sendo que, por isso, é a responsável pela educação dos filhos. Já aos homens é dada a responsabilidade de provedor, o qual vai ao trabalho para fornecer/conseguir/ter o sustento do lar.



A partir da análise do segundo entrevistado, identificado como José, indiciado pela Lei Maria da Penha e sentenciado a fazer serviços comunitários como forma de cumprimento de sua pena, entende-se que a mulher, de vítima passa a ser protagonista da violência doméstica. Isso ocorre porque normalmente os sujeitos colocam as suas parceiras em posição de culpadas, como se pode observar neste recorte:

**Entrevistadora:** *Éhhh, e por exemplo, no tempo que tu viveu com a tua parceira que isso aconteceu, que ela te denunciou, o que tu sentiu assim quando tu foi indiciado?*

**José:** *Rapaz eu num.. eu tava com a minha consciência limpa né, porque quando aconteceu isso a gente já tinha ido lá da parte pra ela passar 100 metros longe de mim e eu 100metros longe dela. Massss, aí ela vinha encarnar, aí a pessoa bebo, coisa, aí vinha e acabava acontecendo. Ela me agredia, me arranhava aí certo ponto eu não aguentei, bati nela.*

O sujeito da pesquisa revela que tem consciência de seus atos, porém se justifica através da bebida sobre as agressões. No mesmo momento em que ele diz ter consciência de seus atos, ele já constrói um discurso no qual culpabiliza a mulher pela agressão. Quando o sujeito fala “*Massss, aí ela vinha encarnar, aí a pessoa bebo, coisa, aí vinha e acabava acontecendo*”, entende-se que o uso da conjunção adversativa *mas* está funcionando na fala do sujeito como uma justificativa para a ocorrência da violência doméstica. Além disso, traz a bebida alcoólica como um elemento externo para mostrar que a culpa não é dele.

Com base no recorte que será analisado em breve, o sujeito passa desvalorizar a mulher, pois não assume um relacionamento no qual tenha um compromisso com ela. Isso pode ser identificado no discurso, uma vez que o sujeito explicita que não tem nada sério com a companheira, colocando-a numa posição inferiorizada, como um objeto.

**Entrevistadora:** *E aí vocês conviveram por quanto tempo?*

**José:** *A gente, gente num convivia junto não, gente só mermo ficava, só ficava mermo por aí. Ela não era minha mulher, minha mulher de morar junto não.*

**Entrevistadora:** *Aí vocês separaram há quanto tempo?*

**José:** *Rapaz pra dizer a verdade a gente. Ela vivia na casa da mãe dela e eu vivia na minha casa, ela. A gente não vivia assim como morando junto, dormindo junto, só mesmo de vez em quando a gente ficava ela prum canto e eu ia pro outro.*



O sujeito esclarece que não tem nenhum tipo de compromisso com a sua parceira, pois ao usar o termo “*A gente, gente num convivia junto não, gente só mermo ficava, só ficava mermo por aí. Ela não era minha mulher, minha mulher de morar junto não*” coloca a mulher em posição de objeto na relação, ou seja, quando ele diz “*ela não era minha mulher de morar junto não*” evidencia-se um discurso machista em que as mulheres são divididas em dois grupos: as que são para casar e as que não são para casar. Esse tipo de discurso reforça ideologias machistas, nas quais a mulher é objetificada.

De acordo com Bourdieu (2012, p.82) sobre a as mulheres como objetos simbólicos, afirma que:

A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas.

Desse modo, compreende-se que a visão que se tem da mulher é a de que ela tem o dever de ser obediente ao seu companheiro, seu namorado ou seu marido. Para o entrevistado desta pesquisa, a mulher que transgredir os padrões de submissão e o controle sexual é significada como uma mulher apenas para ficar. Ou seja, ela é concebida como alguém com quem não se mora junto, mas apenas se relaciona sexualmente, sem compromisso, colocando-a em uma posição de quem não detém o mesmo valor social de uma esposa.

No excerto a seguir, tem-se um discurso no qual o sujeito confessa a agressão; no entanto, esclarece que a culpa foi da companheira. Mais uma vez, a mulher sai da posição de Vítima e toma a posição de protagonista da violência doméstica. Evidenciam-se no discurso alguns deslizes do sujeito, no qual ele acaba assumindo a posição de agressor.

**Entrevistadora:** *E quando aconteciam essas violências sua filha presenciava?*

**José:** (...) *a última vez que a gente brigamos aí foi lá perto do campo do Chico lobo que foi quando eu dei-lhe um murro nela que ela queria bater na menina. Aí eu fui até, eu até fui atrás dela até lá no hospital pra mim perguntar o que tinha acontecido que eu vi um monte de sangue na boca dela.*

Nesse recorte, o sujeito agressor confirma que praticou agressão: “*eu dei-lhe um murro nela que ela queria bater na menina*”. A partir dessa afirmação, o sujeito também justifica que teve um motivo para ele agredir sua parceira “*ela queria bater na menina*”. Ao mesmo





tempo em que José confessa a agressão, ele também tenta promover um sentido de defesa, explicando o porquê da agressão e como ele se preocupou em saber o que tinha acontecido com a companheira no sentido de amenizar a consequência de suas atitudes. Observa-se, ainda, pelo seu dizer, que sua intenção não era causar danos físicos à companheira, mas sim intimidá-la, para que ela, então submissa, estivesse sob seu controle, em dívida, devendo-lhe respeito.

Os próximos discursos a serem analisados são de mulheres que foram agredidas várias vezes por seus parceiros. A primeira, identificada com Maria, viveu por 16 anos com seu parceiro e era agredida desde quando namoravam. Atualmente, está solteira, mora com seus dois filhos e trabalha como empregada doméstica.

Considerando o excerto na sequência, percebe-se um discurso de dependência financeira, onde a mulher é totalmente dependente do homem. Na visão da sociedade tradicional, o homem é o provedor e a mulher a cuidadora da casa e dos filhos. Esse discurso patriarcalista posiciona os sujeitos na sociedade, atribuindo-lhes deveres destinados aos homens e deveres destinados às mulheres.

**Entrevistadora:** *Em todos esses anos aconteceram agressões?*

**Maria:** *Bastante. Logo no começo né. Ele me agredia já do tempo de namoro. Até o meu primeiro filho ainda continuava me agredindo. Já do segundo que ele não agrediu mais.*

**Entrevistadora:** *Vocês separavam e voltavam ou tu ficava em casa mesmo?*

**Maria:** *Era. Separava, ele ia pa casa da mãe dele. Passava um tempo, voltava de novo. Mas, tempo assim de... de uma semana no máximo. Até porque eu dependia dele, né? A gente não morava aqui, morava em Manaus e como é que eu ia cuidar dos meus filhos sem ele, né?*

**Entrevistadora:** *Então era por isso que tu voltava?*

**Maria:** *Era. Por causa dos meus filhos que eram tudo pequeno, né e eu não tinha como trabalhar para sustentar eles. Então, eu vivia a mercê dele lá.*

Com base na fala do sujeito mulher, constata-se um discurso de dependência financeira, no qual a mulher não conseguia se desvencilhar do seu agressor, em função de seus filhos serem pequenos e não ter com quem deixá-los para ir trabalhar. De acordo com Vieira e Silva (2003), a mulher vem conquistando seu espaço no mercado de trabalho, e isso



tem acrescentado grandes mudanças nas estruturas familiares. No entanto, ainda é necessária muita luta para diminuir os inúmeros casos de violência doméstica que ocorrem com frequência no Brasil e no mundo. O autor acrescenta que quando as mulheres passaram a lutar por liberdade aconteceu uma quebra de paradigmas, no qual a imagem tradicional da mulher de servil passa a se constituir como sujeito pessoa livre, tornando-se um suplício para o homem, no que diz respeito aos questionamentos que ela suscita.

No próximo recorte, ciúmes e bebidas são apontados muitas vezes como as possíveis causas da violência doméstica. A entrevistadora, ao perguntar sobre quais eram as causas das brigas entre o casal, obtém como resposta:

**Entrevistadora:** *E quais eram as causas assim das brigas de vocês?*

**Maria 1:** *Mana bebida. Bebia e dizia que eu o traia sem eu sair de casa. Não saia que quando eu saia era pra com ele e da igreja pra casa. Só ciúme mesmo sem motivo.*

**Entrevistadora:** *E agora vocês convivem bem, assim?*

**Maria 2:** *Depois que ele pegou a Maria da Penha agora, porque antes mana quando ele bebia, aí aonde eu morava era de puta pra lá né, só aqueles nomes feios mesmo né, sem gente merecer né.*

Constata-se que a o sujeito mulher traz uma justificativa para o fato de o companheiro ser violento, como a ingestão bebidas e o sentimento de ciúmes. Dessa forma, ela traz elementos exteriores como possíveis causadores do comportamento de seu parceiro. Além do discurso de justificativa da violência doméstica, é possível também identificar um discurso onde a mulher é desmoralizada com a palavra de baixo calão “puta”, palavra que traz, em sua memória, sentidos nos quais a mulher é vulgar e sem valor diante da sociedade.

A segunda entrevistada será chamada de Joana, a qual viveu com seu parceiro por três anos, teve uma filha com ele e atualmente tem outro marido. O discurso de Joana é distinto do discurso anterior, uma vez que ela afirma que a bebida não era um fator de causa da violência, como pode ser visto a seguir:

**Entrevistadora:** Todos os 3 anos tiveram violência doméstica?

**Joana:** *Unhummm, teve mesmo mana, ele era agressivo, ele era tipo assim entrava algo na vida dele assim que numa hora ele tava bom né e noutra hora ele tava agressivo. Parecia que era dois homens.*

**Entrevistadora:** Mas assim durante esse tempo ele bebia, tinha alguma coisa?



**Joana:** *Mais num precisava nem ele beber manhinha, ele era agressivo do mesmo jeito, tanto bom como porre, do mesmo jeito.*

Aqui a mulher coloca o sujeito numa posição de alguém que nasceu com natureza agressiva. Assim, esse sujeito é inserido no lugar de dominador natural, ou seja, o sujeito agressor é significado como aquele que nasceu naturalmente para ocupar a posição de dominador. Entretanto, consideramos que o sujeito é constituído a partir de sua história, sendo interpelado por formações ideológicas. Logo, compreende-se que esse sujeito não pode ser concebido como violento por natureza e sim como sujeito assujeitado por sua constituição histórica e ideológica.

Outro discurso que pode ser visto na fala da segunda entrevistada é o discurso de dependência emocional, onde o sujeito mulher deixa transparecer uma posição de rendida, evidenciando sua dependência ao ex-companheiro. Na sequência, trazemos o recorte em que questionamos por qual motivo Joana mantinha uma relação conjugal com o seu agressor.

**Entrevistadora:** *Assim, mas por que tu continuava?*

**Joana:** *Sei lá mana, parece assim que eu era cega. Uma coisa assim que tipo assim só existia aquele homem assim pra mim. Eu poderia ficar até com outro homem, mas parece que eu era cega espiritualmente, mas a gente é cega espiritualmente que só existia aquele homem. È tipo assim quando a pessoa é assim dominada por uma coisa. Tipo o vício da droga né, se você não tiver aquela droga né, você não está bom. Tipo assim um vício, uma coisa.*

**Entrevistadora:** *Tu era dependente dele financeiramente?*

**Joana:** *Não. Nunca fui dependente do dinheiro dele.*

**Entrevistadora:** *Era justamente porque tu queria mesmo ficar com ele?*

**Joana:** *Era, porque eu queria mermo, eu gostava, assim mermo que ele num.... Sei não mana, eu num..té hoje eu num me entendo. Às vezes eu olho assim pra ele, mas eu num me entendo. Ainda tive uma filha dele ainda. E eu não entendia assim por que?*

Nesse excerto, é visível a posição da mulher dependente emocional, quando ela discursiviza que não dependia financeiramente do parceiro: *Nunca fui dependente dele*, mas havia um elo, do qual o sujeito não conseguia se desvencilhar. A esse elo entendemos que seja um sentimento pelo qual a mulher era cativa, como ele mesmo disse: *Era, porque eu queria mermo, eu gostava, assim mermo que ele num.... Sei não mana, eu num..té hoje eu num me*



*entendo*. Compreende-se que o sujeito desse discurso participa de uma relação, na qual se mostra subjugada aos desejos de outra pessoa.

Considerando que o Brasil é um país colonizado por europeus, os quais trouxeram o cristianismo para que esse fosse expandido, entende-se que o discurso religioso é reproduzido com bastante frequência. No excerto abaixo, é identificado o discurso religioso, onde a mulher relata que Deus foi quem a ajudou a esquecer do seu ex-companheiro.

**Entrevistadora:** *Aí foi nesse tempo que tu deixou de vez?*

**Maria 2:** *Deixei, deixei de vez. Falei que eu não queria mais ele e que eu olhei pro céu e pedi pra Deus tirar ele do meu coração. E Deus foi e tirou mana do meu coração. Parece assim uma coisa assim que tinha feito, não sei o que era, só sei que era alguma coisa mana.*

A ordem discursiva em que o sujeito se constituiu, mostra um discurso historicamente baseado na fé, no qual Deus pode fazer todas as coisas e a fez liberta de um sentimento que a oprimia. O discurso religioso está presente na fala das pessoas que professam sua fé em um Deus único que pode reverter as situações mais difíceis da vida de um ser humano.

A posição de dependência emocional volta a aparecer no último recorte, no qual o sujeito relata a posição machista do seu parceiro em ter mais de uma mulher. É comum observar esse comportamento no convívio social, onde algumas coisas são permitidas somente para os homens e não para mulheres.

**Entrevistadora:** *Mesmo sabendo que ele te batia?*

**Maria 2:** *Mesmo. Manaaa, ele passava com outra na minha frente hoje, hoje, agora, nesse momento. Se ele viesse de tarde, eu já queria ele de volta. E ele me batia.*

A partir deste recorte discursivo entende-se a mulher em posição servil diante do homem: “Manaaa, ele passava com outra na minha frente hoje, hoje, agora, nesse momento. Se ele viesse de tarde, eu já queria ele de volta. E ele me batia. Mana, eu era cega mesmo”.

É importante enfatizar que a mulher aceitava as condições nas quais o sujeito agressor controlava aquela relação, especialmente porque a mulher nutria sentimentos amorosos em relação ao sujeito. Na fala “E ele me batia explicita que mesmo que ela aceitasse tudo, ela continuava a querer o sujeito agressor”.

Sobre os jogos de poder, Bourdieu (2012, p.98) descreve que:

A socialização diferencial predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam; o carisma masculino é, por um lado, o charme do poder, a sedução que a posse do poder exerce, por si mesma, sobre os corpos cujas próprias pulsões e cujos desejos são politicamente socializados.

Dessa forma, a dominação masculina pode conduzir esse processo de poder sobre seu objeto de dominação, fazendo com que o dominado não sinta vontade de dominar, ou seja, o sujeito subjugado conforma-se com a sua posição.

Analisando os sentidos atribuídos à violência doméstica por mulheres agredidas e por homens agressores, notamos discursos que evidenciam a construção de um imaginário social em que as mulheres são posicionadas como culpadas pela agressão que sofrem. Além disso, identificamos uma recorrente transferência de culpa para outras pessoas e também para as drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Essa culpabilização para a mulher e para as drogas materializou-se nas falas das mulheres e dos homens entrevistados neste estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve o objetivo de analisar os sentidos que são atribuídos aos casos de violência doméstica no contexto conjugal, a partir de entrevistas realizadas com sujeitos distintos, agressores e vítimas. Objetivamos, sobretudo, dar visibilidade aos casos recorrentes de agressão doméstica contra a mulher e tornar rarefeito o discurso de naturalização de violências contra a mulher.

A partir do estudo dos recortes discursivos em que se manifestaram processos de subjetivação, foi evidenciado que os sujeitos agressores culpam suas vítimas e contribuem para que elas ocupem posições de subalternidade financeira e de dependência emocional. Além disso, outro resultado que não estava nas nossas hipóteses é o fato de nem sempre a agressão contra a mulher é motivada pelo uso de drogas ou pela presença do sentimento de ciúme.

Na fala dos homens entrevistados na pesquisa, materializou-se a resistência para assumir a sua autoria em relação à violência doméstica. Além disso, os recortes discursivos apresentaram uma naturalização e banalização da violência, menosprezando a gravidade desse problema.

Os objetivos do trabalho foram alcançados, visto que, visualizamos que os conceitos

de relacionamento, família, esposa e marido são vistos de formas distintas pelos sujeitos. Assim, o sentido da violência em si é visto de uma forma criminalmente simplificada pelos sujeitos agressores, os quais sempre procuram culpar suas parceiras.

Este estudo sobre as posições dos agressores e das vítimas da violência doméstica; e sobre os sentidos que eles atribuem à violência foi relevante para verificar as ações que esses indivíduos realizam e suas diferentes funções na sociedade. Pelas posições desses sujeitos, apesar da circulação de muitos outros discursos que se contrapõem a isso, discursos de violência e de intimidação insistem em se fazer presentes. Desse modo, esta pesquisa explicitou a sua relevância ao defender a desnaturalização do discurso de agressão doméstica contra a mulheres, sensibilizando para uma mudança de práticas sociais.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Presença: Lisboa, 1970.

ARAÚJO, T. C. **Remição penal pela leitura e letramento: subjetivação e dessubjetivação do sujeito preso**. 2018. Dissertação (mestrado em Letras) - Faculdade de Letras – Flet, Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2018.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2012.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Unicamp: Campinas, 2004.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. Brasiliense: São Paulo, 2012.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. Cortez: São Paulo, 2001.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **SOUZA**. Lygia de Lima. **Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras I**. UEA Edições: Manaus, 2018.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. AFONSO, Adriana Eugênia Antony. **Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras II**. UEA Edições: Manaus, 2018.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na Justiça**. Revista dos Tribunais: São Paulo, 2007.



GADET, F. HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Unicamp: Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de Comunicação.** Cortez: São Paulo, 2013.

MUSSALIM, Fernanda. **Introdução a Linguística- análise do discurso.** Cortez: São Paulo, 2012.

NARZETTI, Claudiana. ALVES, Thaise. **Análise do Discurso.** UEA Edições: Manaus, 2019.

NASCIMENTO, Maria Evany. OLIVEIRA, Valdemir. **Metodologia do Estudo e do Trabalho Científico.** UEA Edições: Manaus, 2016.

NOGUEIRA, Conceição. **Análise do Discurso. Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática da investigação.** CEEP: Braga, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Pontes Editores: Campinas, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento.** Pontes: Campinas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica afirmação do óbvio.** Unicamp: Campinas, 1995.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire. **Conhecendo Análise de Discurso-Linguagem, Sociedade e Ideologia.** Valer: Manaus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: procedimentos metodológicos.** Instituto Census: Manaus, 2014.

TERRY, Eagleton. **Ideologia.** Boitempo: São Paulo, 1997.

VIEIRA, Josênia Antunes. SILVA, Denise Elena Garcia da. **Práticas de Análise do Discurso.** Plano: Brasília, 2003.